



Os jovens nos evangelizam

Carta aos irmãos

MAIO 2026

Queridos Irmãos e irmãs das Escolas Pias,

Quem evangeliza quem hoje? Somos nós que acompanhamos os jovens, ou são eles que, sem saber, estão nos mostrando o caminho?

O Papa Francisco nos oferece a chave de interpretação em *Christus Vivit*: a Igreja não só tem algo a dizer a eles, mas também **muito a aprender com eles** . Uma perspectiva totalmente nova.

Pude constatar isso muitas vezes, em encontros simples, em conversas despreziosas, em visitas às nossas presenças escolápicas. Quando nos aproximamos verdadeiramente de suas vidas, de suas buscas, de suas inquietudes, descobrimos neles **uma força que nos surpreende** . O Papa Francisco continua na carta: *sua juventude nos ilumina e pode nos ajudar a nos mantermos jovens* e a redescobrir dimensões do Evangelho que talvez tenhamos deixado de lado. Talvez por isso possamos dizer, com humildade e sinceridade, que os jovens nos evangelizam.

Os jovens possuem uma qualidade que nunca deveríamos deixar se apagar: a **insatisfação** . Esse inconformismo interior que os impede de se acomodar. Às vezes, olhamos para ela com desconfiança, como se fosse preciso domá-la. E, no entanto, é uma **bênção** .

A partir da antropologia evolutiva, essa realidade também pode ser compreendida com maior precisão. A adolescência não é uma fase caótica, mas sim uma etapa com um claro **valor adaptativo** para a espécie humana. Diversos estudos destacam que, durante esse período, intensifica-se a orientação para a novidade e a assunção de riscos, em relação a um desenvolvimento neurobiológico específico, que favorece comportamentos de exploração mais arriscados, os quais, em contextos evolutivos, revelaram-se decisivos para a expansão e a abertura de novas possibilidades de vida. Nesse sentido, a audácia característica dos adolescentes não é um desafio a ser corrigido, mas uma condição que permitiu à humanidade avançar além de seus próprios limites.

Talvez seja por isso que os jovens nos evangelizam: porque nos tiram de nossos esquemas mentais e de nossa prudência excessiva.

Lembro-me de um congresso em Roma, durante um encontro relacionado ao Sínodo dos Jovens, no qual participavam diversas congregações e ordens religiosas. Lá insistia-se, com razão, na necessidade de que os jovens tivessem voz, de que fossem ouvidos. Ao acompanhar esse diálogo, surgiu em mim uma convicção: o verdadeiro desafio não é apenas ter voz, ou a capacidade de se manifestar corretamente, nem mesmo ser ouvido; o desafio é, antes de tudo, ter pensamento. Então, compartilhei uma intuição que continuo considerando fundamental: o desafio é **ser voz, não eco**.

Essa é uma tentação do nosso tempo: confundir ter voz com ter pensamento. Vivemos cercados por discursos apressados, por opiniões que se repetem incessantemente. Mas nem todo mundo que fala pensa, nem todo mundo que opina tem uma voz própria. Aqui surge um dos grandes dons dos jovens: a busca, às vezes desajeitada, às vezes apaixonada, de um **pensamento próprio**. Eles nos lembram que não basta repetir; que o matiz importa; que a verdade não se herda simplesmente, mas se conquista. Não como uma posse que se impõe, mas como um caminho que se percorre em liberdade, em diálogo com a realidade, com os outros e com Deus. Em um mundo marcado pela polarização, onde se confunde a verdade com ruído, ou com a mera opinião, essa atitude é simplesmente evangélica.

Quando convivemos com eles, algo em nós também se renova. **Eles nos rejuvenescem. Eles nos levam de volta às perguntas essenciais:** o que vale a pena?, por que vivemos?, para quem vivemos? Neles pulsa a necessidade e a urgência de **profundidade, de paixão e de propósito**. Nossa tarefa não é substituí-la, mas ajudar a que ela emerja, que tome forma, que encontre caminhos.

Aqui surge um ponto decisivo: o cultivo da **vida interior**. Muitos jovens pressentem que, dentro de si, existe uma reserva de sentido, uma presença que os sustenta, uma força que não é apenas psicológica. Mas precisam descobri-la e aprender a cuidar dela com autenticidade, cultivando uma **vida interior de qualidade**: habitada, trabalhada, capaz de sustentar a vida. Sem essa qualidade na vida interior, a existência se fragmenta e fica à mercê do imediato; com ela, ao contrário, a vida se unifica, se orienta, adquire profundidade e liberdade. Educar hoje implica também acompanhar esse processo, ajudando os jovens a acessarem uma vida espiritual real, encarnada, que não foge da realidade, mas a ilumina e a transforma por dentro.

María Zambrano¹ apresenta o professor como um mediador, que não transmite conteúdos nem impõe sua verdade, mas que, por meio de sua própria maneira de estar no mundo, abre um espaço onde o aluno pode encontrar a si mesmo e começar a formular suas próprias perguntas. *O professor não é aquele que ensina algo, mas aquele que faz com que o aluno seja ele mesmo, aquele que o ajuda a se encontrar. [...] A ação do professor é, acima de tudo, uma presença*. Os jovens precisam desse tipo de presença: adultos cuja vida, mais do que seus discursos, os ajude a se abrir e suscite neles as perguntas fundamentais, acompanhando-os no delicado processo de se tornarem eles mesmos.

É por isso que a presença é tão importante: **estar onde os jovens estão**, não como observadores externos, mas como companheiros de caminho, à maneira de Jesus com os discípulos de Emaús. Se não estivermos lá, dificilmente os encontraremos. Este é um apelo a todos – religiosos, leigos e

.....

1.- Zambrano, M. (2007). *La mediación del maestro. En Filosofía y educación: Manuscritos* (pp. 121-128). Ágora

leigas, educadores, comunidades –, porque vezes basta uma palavra simples, nascida no cotidiano, para tocar o coração. Não subestimemos o valor de um encontro, mesmo que inesperado, com uma presença que escuta, acompanha e acredita...

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer suas **feridas**. Há jovens que, quando falam de si mesmos, usam palavras como vazio, abismo, cansaço... É um grito silencioso que toca muitas vidas. Às vezes, basta uma escuta paciente e atenta, capaz de olhar com respeito e sem julgar. Existe uma forma de estar que, por si só, já é curativa, porque faz com que o outro se sinta reconhecido, compreendido e acompanhado. Cuidar, em definitiva, implica uma proximidade que não força processos e um tempo que sabe esperar até que a vida volte a brotar.

Neste clima de pessimismo contemporâneo, muitas vezes sufocado pelo niilismo, onde o medo e a falta de perspectivas parecem ditar as regras, surge uma pergunta que não podemos continuar evitando: **para onde foram os grandes sonhos?** Não somos chamados a nos contentar com uma existência truncada, construída a partir do medo ou do pensamento de curto prazo de quem apenas sobrevive ao dia seguinte. Nossa missão como escolápios não é oferecer respostas que encerrem o mistério, mas **propor uma vida com letras maiúsculas**, uma vida que não tema a imensidão do futuro e que a abraça como o cenário onde Deus continua agindo.

É imperativo recuperar aquela pergunta incisiva que surge no âmbito da liderança social: **a que você dedicaria as próximas 90 mil horas da sua vida?** Esse número é um convite para situar nossa existência diante de um verdadeiro horizonte de sentido, longe da inércia que nos torna medíocres. Os jovens, em sua busca apaixonada, precisam de perguntas que desafiem sua ousadia e sua capacidade de dedicação. Quando virem em nós uma existência que se entrega com alegria a algo grandioso, eles também ousarão sonhar com um sonho forte que se forja a cada decisão vital.

Entre tantas perguntas e também fragilidades, **há uma beleza que não podemos deixar de reconhecer.**

Não se trata de destacar apenas o extraordinário, mas de dar visibilidade a vidas concretas que, com simplicidade, estão repletas de sentido e compromisso.

Penso numa jovem de Barcelona que, após um ano de voluntariado em Tijuana, é hoje uma professora brilhante numa escola com alunos com grandes necessidades; num jovem de Budapeste que cria uma revista de pensamento; noutro que compõe uma missa; ou no jovem de Agboville que embeleza nossa paróquia com sua arte; ou em uma jovem de Buenos Aires que, após um longo dia como professora, continua educando como voluntária em nosso Lar; ou nos jovens de Zolochiv, na Ucrânia, que, em meio à guerra, permanecem fiéis ao seu compromisso com as atividades da comunidade escolápia (...).

(...) Penso também nos tantos jovens que animam, organizam e sustentam grupos, especialmente no Movimento Calasanz ou nas múltiplas iniciativas sociais de nossas presenças, como: na Itaka Escolapios, na Solca, na Camins Escola Pia... e penso, junto com todos eles, nos tantos que escolhem ser professores ou até mesmo dar o passo para a vida religiosa escolápia. Que alegria e que responsabilidade!

A todos vocês, jovens, olho com admiração. Obrigado pelo que são e pelo que fazem: em vocês encontramos uma força que nos sustenta e nos impulsiona.

É por isso que é tão importante que **se encontrem uns com os outros**, que se conheçam e compartilhem o caminho. **As redes que vamos tecendo**, por meio do Movimento Calasanz, da Associação de Ex-Alunos e dos espaços digitais, **são verdadeiros espaços de comunhão.**

O próximo **Fórum de Jovens**, previsto para este mês de julho, pretende ser exatamente isso: um espaço onde possam se encontrar, refletir juntos e crescer em liderança, pensamento, vida espiritual e compromisso com a nossa missão. Nas Escolas Pias, o jovem não é apenas destinatário, é **protagonista**. É sujeito ativo da evangelização. Ele nos evangeliza com sua busca e nos lembra que o Evangelho é sempre jovem, sempre novo, sempre em saída.

Talvez, no fim das contas, a pergunta mais importante não seja o que fazemos pelos jovens, mas o **que estamos dispostos a aprender com eles**. Pois, em muitos sentidos, são eles que estão nos mostrando o caminho.

Essa realidade nos convida a reconhecer, como nos lembra o Magistério da Igreja, que os jovens não são apenas o futuro, mas o **presente de Deus**². No contexto das Escolas Pias, esse olhar adquire um valor especial: ao acompanhar sua ousadia e sua busca por sentido, descobrimos que o Espírito também age por meio deles, transformando sua insatisfação em uma força criativa.

Como intui São José Calasanz, na simplicidade e no ímpeto da juventude pulsa uma presença que não apenas precisa ser acompanhada, mas que também nos transforma. Ele mesmo experimentou isso ao afirmar que rebaixar-se para iluminar as crianças... é o caminho mais curto e mais fácil para ser exaltado ao próprio conhecimento... e Deus costuma dar cem por um³. Nesse sentido, o jovem não é apenas aquele que recebe, mas **também aquele que evangeliza o mestre**, introduzindo-o na humildade e na misericórdia de Deus.

Pai bondoso,
dá-nos um coração jovem
para acolher a vida e a busca deles.
Ensina-nos a caminhar com eles,
sem medo, com esperança.
E faz com que nossas vidas
sejam um lugar onde possam encontrar-te.
Amém.

*P. Carles, SchP.
Padre General.*

San Pantaleo, Roma, 1 de maio de 2026.

.....
2.- Papa Francisco, *Christus Vivit. Exhortación Apostólica Postsinodal sobre los jóvenes, la fe y el discernimiento vocacional*, 25 de marzo de 2019, n. 178.

3.- José Calasanz, *Opera Omnia*, p. 234, carta de 19 de octubre de 1629.